

ESCALA DE AVALIAÇÃO

- ★★★★..... Ótimo
- ★★★..... Bom
- ★★..... Regular
- Ruim
- *..... Péssimo

FOLHA ACONTECE

Tel.: 0/xx/11/224-7842
E-mail: ilustrad@uol.com.br
Fax: 0/xx/11/224-2284

Serviço de atendimento ao assinante:
0/xx/11/224-3090



Aceita cheque



Ar-condicionado



Acesso a deficientes físicos

PÁGINA ESPECIAL 1 ★ SÃO PAULO, SÁBADO, 22 DE JULHO DE 2000

TEATRO/CRÍTICA

'N x W' acaba em vitória triste da música sobre o discurso

FABIO CYPRIANO

DA REPORTAGEM LOCAL

Sobre o palco, duas rochas. Sólidas, perenes, imutáveis. Como o legado de Wagner e Nietzsche. Uma em cada canto do cenário. Elas estão unidas por uma corda. Frágil, discreta. Metáfora perfeita para o novo espetáculo de Gerald Thomas "N x W".

Ele é decepcionante para quem espera um julgamento final entre esses dois pilares da cultura ocidental —afinal, a disputa é anunciada já no nome da peça. Entretanto, é arrebatador para quem se liberta da necessidade de buscar significados imediatos e flui de mais um espetáculo repleto de imagens deslumbrantes.

A encenação está inserida na série Pocket Opera, que o Sesc organiza já há alguns anos, com o objetivo de utilizar a estrutura do gênero ópera, mas de maneira menos convencional. Proposta perfeita para Thomas.

No início, um pianista toca uma ária de Wagner. Ao seu lado, o barítono Paulo Szot. Expectativa. Ele vai cantar? Não. Entristecido, ele sai do palco. Entram os atores. Cada um com uma lanterna a iluminar um personagem que interpreta Wagner. Ao mesmo tempo, outro personagem (será Nietzsche?) puxa um fio com um bar-

quinho. A pequena nave estará presente ao longo do espetáculo, como seu fio condutor. Para Thomas, é uma alegoria do próprio Wagner, "uma arca de Noé, onde estão contidos os segredos que o tempo apagou", diz no programa.

Outro fio condutor está na música. A partir de uma nota atonal de "Tristão e Isolda", Thomas mistura três compositores e cria um universo sinfônico. Ele junta Wagner, o croata Borut Krzisnik e Arrigo Barnabé em um perfeito diálogo a conduzir os atores durante o espetáculo. São quase esquetes, só que a encenação não é uma alegoria para a música, mas uma releitura para elas.

A participação dos atores da Cia. de Ópera Seca é integral, completa. Nenhum se destaca. Como notas na partitura de uma música, todos contribuem para o resultado final. O entrosamento é perfeito. A presença no palco é coreografada, muitas vezes transforma-se mesmo em dança.

Já o texto é acessório, a palavra tem papel secundário. Para um espetáculo sobre o conflito entre Wagner e Nietzsche, é como afirmar que nessa batalha é a música que vence, os discursos tornam-se vazios, sem significados. Um bom exemplo é a voz em "off" do rabino Henry Sobel, sobre a neutralidade da arte. Não é o

que acredita Thomas. Seu espetáculo é também político, contra estereótipos, antiestético no sentido "fashion". E ao mesmo tempo uma ironia, afinal ele se utiliza do mundinho, com o ótimo figurino do estilista Walter Rodrigues.

Não por acaso há vários momentos em que os atores desfilam no palco. De maneira irônica, trata-se de outra crítica aos discursos vazios, no caso, a vaidade.

Essencialmente, "N x W" é um espetáculo triste, confesso na voz do próprio Thomas no fim da peça: "Encerro tristemente esse capítulo, eu amei Wagner". E o barítono volta ao palco e finalmente canta uma ária de Wagner, originalmente composta para uma soprano. Os atores beijam uma das rochas, como a se despedirem de um defunto, e apaga-se a luz. É a triste vitória da música sobre o discurso.

N x W

★★★★

Concepção e Direção: Gerald Thomas

Com: Cia. de Ópera Seca (Amadeo Lamounier, Bruce Gomlevsky, Marcelo Boschar e outros)

Quando: de qui. a sáb, às 21h; dom., às 20h. Até 6/8

Onde: Sesc Ipiranga - teatro (r. Bom Pastor, 822, tel. 3340-2000)

Quanto: R\$ 12

Lenise Pinheiro/Folha Imagem



Cena do espetáculo "N x W", dirigido por Gerald Thomas, que está em cartaz no Sesc Ipiranga

Reuters